



EDITORIAL

UMA DÉCADA DE BALEIA, NA REDE

“No fundo todos somos como a minha cachorra Baleia”.
Graciliano Ramos (*Cartas*, 1980)

Este número celebra os dez anos de *Baleia na Rede: estudos em arte e sociedade*. Refletir sobre essa data empreendendo uma “vigilância comemorativa” é uma oportunidade de visualizarmos sua trajetória a partir dos desafios teórico-metodológicos encontrados e do reconhecimento de sua importância no campo dos periódicos científicos brasileiros, especialmente na consolidação de um espaço acadêmico para a divulgação das discussões sobre arte e sociedade.

Trajectoria iniciada com a publicação de *O rural no cinema brasileiro* (Editora UNESP, 2001), tese da professora Célia Tolentino que ilumina as Ciências Sociais através de uma perspicaz análise sobre o rural no cinema nacional. A obra despertou nos alunos de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, o interesse em desenvolver pesquisas com objetos correlatos, a exemplo do cinema, da televisão, da literatura, do teatro e da música. Como forma de orientação coletiva, a professora criou o Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura, em 2003.

O principal objetivo era analisar textos literários e filmes nacionais a partir dos múltiplos referenciais das Ciências Sociais, captando os jogos de poder, as interações e os “retratos do Brasil” nas linguagens verbal e não-verbal. As leituras e debates suscitaram trabalhos sobre filmes ou livros a exemplo de *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, primeira obra analisada. Desse debate conjunto surgiram vários artigos científicos que provocaram a criação de uma revista eletrônica. O intuito era difundir os trabalhos do grupo, abrigar reflexões de outros pesquisadores, promover eventos e conferências com professores convidados e participar de congressos, estimulando as pesquisas em sociologia da arte e da cultura.

O Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura se expandiu e os alunos integrantes desenvolveram paralelamente suas pesquisas de iniciação científica, com o apoio de instituições de fomento como CNPQ e FAPESP. Além disso, alguns membros do grupo deram prosseguimento aos seus estudos ingressando na pós-graduação, tendo quatro dessas dissertações já publicadas em livros: *Dilemas do pós-modernismo na cultura de massa* (Editora UNESP, 2012), de Lilian Victorino; *Os personagens negros na obra de José Lins do Rego* (Editora Cultura Acadêmica, 2011), de Carla de Fátima Cordeiro; *Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação* (Editora UNESP, 2011), de Elisângela da Silva Santos; e *No rádio e nas telas: o rural da música sertaneja em sua versão cinematográfica* (Editora Cultura Acadêmica, 2011), de Odirlei Dias Pereira. Pesquisas orientadas pela professora Célia Tolentino que, em 2013, concluiu sua livre-docência na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, com *O Fausto saudosista: o rural no cinema italiano de 1947 a 1965*.

Esses trabalhos inauguraram um campo de pesquisa na UNESP/Marília interessado em debater as manifestações artísticas, vislumbrando discursos sociais que traduzem, deslocam e reconfiguram seu tempo histórico a partir do cinema, literatura, música, pintura, fotografia, artes plásticas, artes visuais e virtuais, dança, teatro, pensados



em relação à vida social, política, simbólica ou histórica. Também estimularam e estimulam a ampliação de veredas analíticas em diversos rincões do país.

A revista *Baleia na Rede* foi criada por iniciativa do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura em 2003, fomentando e consolidando esse processo. Com a intenção de debater a relação entre arte e sociedade através de artigos e ensaios que apresentassem as interfaces entre o campo das Artes e das Ciências Sociais, trouxe no editorial de seu primeiro número um aviso aos navegantes e ambientalistas: “nossa baleia é canina, nossa rede é a web e queremos toda a fauna marinha viva e povoando nossos mares”, informando a genealogia dessa protagonista ao destacar que “é uma das personagens magníficas do magnífico *Vidas Secas*. (...) Baleia pensa, Baleia sonha e, além do cinema, tem um capítulo só para si numa das maiores obras da literatura brasileira”.

O inspiradíssimo título da revista evoca uma das personagens mais conhecidas de Graciliano Ramos (1892-1953) e as articulações da literatura com outras mídias, artes e áreas do conhecimento. Também brinca de balançar entre o ciberespaço e a sertaneja rede de dormir tão característica de nossa brasilidade, tal como registrada nas obras de Luis da Câmara Cascudo e Rachel de Queiroz. Rede é movimento, é aliança, ponte entre tempos. No mesmo sentido, a provocação de Graciliano promove uma ponte entre espaços: um animal marítimo nomeando uma cadela que habita a secura do sertão¹.

Baleia é um personagem já quase octogenário que vem sendo reiteradamente celebrado no Brasil em diversas artes e em novas mídias: do conto embrionário ao livro de Graciliano, das páginas dos periódicos a primeira edição de *Vidas Secas* (1938), do livro ao filme homônimo de Nelson Pereira dos Santos (1963), atravessando numerosos sertões artísticos e científicos até intitular este periódico.

Uma década de *Baleia na rede* é uma “data convocante” para realizar uma arqueologia/genealogia da trajetória do grupo de pesquisa e da revista. É uma oportunidade para apresentar perspectivas teóricas sobre literatura, cinema e sociedade. O título da revista e as recentes comemorações dos 120 anos de nascimento de Graciliano Ramos também são convites para visualizarmos apropriações teórico-metodológicas sobre o legado do escritor alagoano e suas interfaces com outras artes.

Neste número apresentamos na seção **Em foco** um dossiê metodológico que privilegia as interfaces estéticas, valorizando os diferentes imbricamentos do texto literário com o cinematográfico, as artes plásticas, a política e o teatro, privilegiando estudos de caso que iluminem a obra de Graciliano e sua interdiscursividade, visualizando o texto literário como irradiador de múltiplas relações a partir de suas remodelações e aproximações com outras linguagens.

Inaugura o dossiê o artigo *Baleia: persona literária, persona cinematográfica*, de Júlio César Borges Bomfim, destacando as tensões e as configurações das formas narrativas romance e filme a partir da análise do capítulo “Baleia” e das sequências fílmicas de Nelson Pereira dos Santos equivalentes ao romance. Este texto abre passagem para o artigo *Diálogos entre literatura e cinema na construção de (re) leituras das obras de Graciliano Ramos*, de Tania Nunes Davi, que investiga as adaptações efetuadas por Nelson Pereira dos Santos (*Vidas Secas*, 1963 e *Memórias do Cárcere*, 1984) e Leon

¹ Graciliano Ramos comentou sobre o nome da personagem em entrevista a Paulo de Medeiros e Albuquerque, publicada em *A Gazeta*, 1941: “Não há explicações para isso. Mas no Nordeste, regra geral, os cães têm nomes assim; ‘Baleia’, ‘Jacaré’, ‘Tubarão’. Até mesmo ‘Piaba’, ou até mesmo, mais estranho, ‘Moqueca’, que é uma comida feita com peixe [nome da cachorra de *Histórias de Alexandre*]. Os sertanejos dizem que os batizam assim para preservá-los da hidrofobia. Pode ser também o desejo de água, seja ela do mar ou do rio. Não se sabe” (*In: Conversas*, 2014, p. 105).



Hirszman (*São Bernardo*, 1971), aproximando as linguagens ao contexto sócio-histórico brasileiro.

Outra aproximação possível da obra de Graciliano com outras artes pode ser observada no artigo *Candido Portinari e Graciliano Ramos: diálogos de Vidas Secas com Os Retirantes*, de autoria de Tiago da Silva Coelho. O trabalho demonstra como a partir das interfaces entre as trajetórias desses artistas e, especialmente, das aproximações entre literatura e as artes plásticas é possível recuperar as imagens da seca e dos retirantes nordestinos, poderosas instâncias de visualização e produção de crenças sobre o Brasil. Já o artigo *O rural, o sertão e o campo literário nas crônicas de Videntes das Alagoas*, de autoria de Robson dos Santos, problematiza as crônicas de Graciliano publicadas na Revista *Cultura e Política*, nos anos de 1940. O texto ilumina o modo como as narrativas e as opções estéticas se relacionam aos debates intelectuais e ao contexto sócio-político, oportunizando perceber as aproximações entre literatura e jornalismo a partir da temática do rural, do sertão e da região.

Encerra o dossiê a entrevista *Graciliano revisitado* feita com o professor Eduardo de Assis Duarte que há dez anos proferiu a conferência *Vidas Secas e a atualidade de Graciliano Ramos* comemorando o lançamento desta revista. A entrevista inédita destaca a importância de Graciliano e de sua geração para a literatura brasileira, seu engajamento, questões relacionadas às interfaces estéticas e o modo como sua literatura revela um outro Brasil.

As demais seções **Outros focos** (cinema), **Mais palavras** (literatura) e **Outras cores** (artes plásticas, arquitetura, música e outras artes) foram compostas por artigos de pesquisadores de diversos campos, cidades e veredas do Brasil. Este número ainda apresenta **Resenhas** de textos (*Garranchos*, 2012; *Cangaços*, 2014) e entrevistas (*Conversas*, 2014) de Graciliano Ramos que foram recentemente compilados e publicados, transformando-se em convite para novas descobertas e interfaces com a obra do criador de Baleia. O intuito foi visualizar esse painel polifônico que reverbera a riqueza de abordagens nas interfaces entre arte e sociedade e estimula o compromisso coletivo para que *Baleia na rede* continue atravessando mais e mais décadas.

Clovis Carvalho Britto e Elisângela da Silva Santos